



# História e Memória do cacique João Grande/Nicué como potência de luta pela terra.

Guilherme Maffei Brandalise • Iury Fontes dos Passos • Maurício Salvador • Clementine Maréchal

## APRESENTAÇÃO

O cacique João Grande/Nicué foi uma liderança Kaingang que até meados do século XIX ocupou o território conhecido hoje como Serra Gaúcha, resistindo à colonização de seu território (LAROQUE, 2000). Seu grupo foi atacado em 1853, e seus descendentes se espalharam por diversas aldeias e pelas florestas próximas. A partir do final do século XX, estes começaram a voltar para a região, trazendo a memória da resistência de Nicué.

Desde 2006, um grupo de descendentes do João Grande está reivindicando o território que antigamente abrigava a aldeia principal deste cacique. Retomaram um território que se encontra sob posse do Instituto Chico Mendes (ICMbio) e que recentemente foi colocado na lista de concessões para iniciativa privada por parte do Ministério do Meio Ambiente, o que torna sua luta ainda mais difícil e urgente, embora tenha-se evidências materiais e imateriais da presença indígena na região.

Quanto às evidências materiais, as principais são a presença de sítios arqueológicos não escavados, pertencendo à tradição de construtores de casas subterrâneas (COPE, 2015); e a enorme presença de araucárias antigas na região (ROBINSON, 2018). Nas imateriais, a memória social sobre as guerras ali ocorridas, e a presença de espíritos (*věnh kuprīg*) dos ancestrais Kaingang, reconhecidos por dois *kujã* Kaingang (MARECHAL, 2018).

## METODOLOGIA

A metodologia principal empregada nesse trabalho é a da *etnohistória* (ROJAS, 2008), que propõe contribuições entre as disciplinas que estudam aspectos do passado e do presente de sociedades indígenas. Assim, a etnografia possibilita reconhecer as alteridades e o papel que a cultura cumpre na história (SAHLINS, 1990). Também fazem parte da análise etnohistórica a arqueologia e a etnobotânica, cujos estudos consultados foram citados acima.

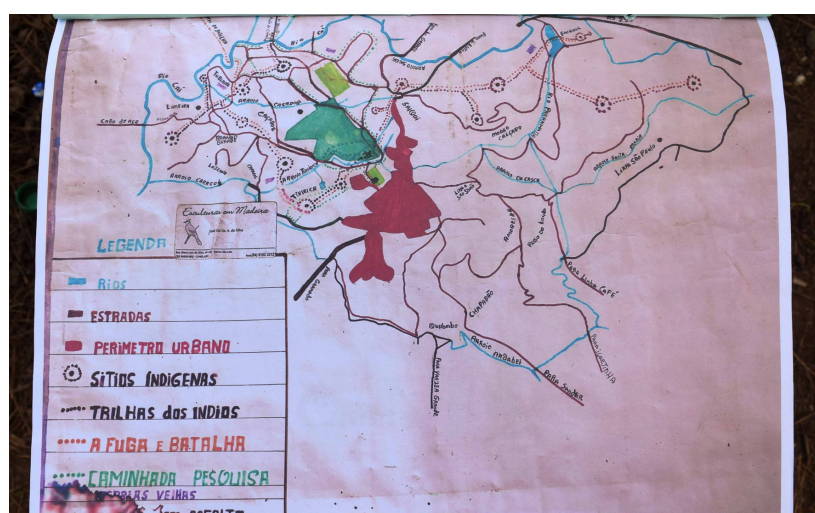
A etnohistória pressupõe uma pesquisa documental, que foi realizada de forma parcial em bibliografias historiográficas e memorialistas. Alguns dos trabalhos que ajudam a compreender os processos envolvidos na desterritorialização da região de Canela são Laroque (2000), Dornelles (2011) e Silva e Barcelos (2009). Os últimos autores apontam a construção geográfica, ideológica e política da região ocupada pelos povos de língua Jê, incluindo assim, a Serra Gaúcha, como um espaço vazio antes do século XIX. No século XX as narrativas heróicas do pioneiro colono surgem como discurso histórico hegemônico (MOTA, 1992). Em ambos, a invisibilidade indígena é regra.

Assim, ressaltamos a importância de utilizar as memórias coletivas indígenas como fontes históricas importantes, pois além de uma narrativa descolonizada, possibilita entender melhor a relação com o território a partir de definições próprias, como o *uri* (tempo presente, depois dos aldeamentos) e *wāxy* (tempo dos antigos, quando se praticava o modo de vida kaingang).

Figura 1: Trecho do Relatório do Presidente Cansação do Sinimbu à Assembleia Provincial, 30/06/1855. Porto Alegre: Typographia do Mercantil. p.51 - Acesso em: [memoria.bn.br](http://memoria.bn.br)

proximo resultado dos esforços que empregasse para civilizar-os. E' muito satisfatorio dizer a V. Ex. que depois da morte do faccinora João Grande, e a dispersão de sua tribo, já lá vão dous annos, e nenhum acto de aggressão tem apparecido da parte d'esses Indios.

Figura 2: Mapa de Canela com a FLONA (em verde), sítios indígenas e locais de memória. Feito pelos Kaingang em parceria com os pesquisadores Ana Freitas e Rodrigo Venzon em 2018.



## RESULTADOS

Em entrevista realizada em 2019 na cidade de Porto Alegre, pelos autores do presente trabalho, o cacique Maurício relata a importância da Memória de Nicué na luta pela terra:

"Eu acho que a memória que eles nos deixou é de uma liderança forte, firme, que luta, que lutou até o fim, que lutou morrendo em uma batalha. Então é esse exemplo que a gente tenta seguir, lutando, lutando pelos nossos direitos, lutando pelas nossas comunidades, lutando pelo nosso povo kaingang. Então essa memória que ele nos deixou dessa resistência que hoje tá no povo kaingang, eu acho que toda essa resistência é um pouco da memória que ele deixou, vivendo ele. A história que hoje a gente ouve do cacique João Grande é que ele foi um cara muito lutador. ele foi um símbolo de resistência de luta, de guerra. então é esse exemplo que a gente tá seguindo. Eu sempre tô comentando que a gente não vai desistir, a gente vai resistir até o fim. eu acho que é esse espírito que ele nos deixou né, em nós. Essa resistência e essa luta." (Maurício Salvador, 2019)

Ao escutar as palavras dos Kaingang sobre Canela, percebe-se que o espaço e a paisagem se relacionam com a violência da colonização no fim do XIX e início do XX. Lugares como o Poço dos Caixões e a Caverna dos Índios representam para os Kaingang as perseguições e os modos de resistir, de sobreviver e de se reinventar. Desse modo, a memória social é construída em relação com o território que foi perdido e aquele que se quer retomar, tendo como fio condutor entre o passado e o presente a ancestralidade de Nicué: "essa resistência e essa luta".

Figura 3: Os Kaingang de Canela e a *kujã* Iracema na Caverna dos Índios no interior da FLONA (foto por Jean Jacques Flach)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de demarcação da FLONA de Canela como território indígena pode demorar anos em um sistema que favorece o agronegócio e que aproveita momentos de crise para "passar a boiada". Frente a isso, a luta que Maurício Salvador herdou de seu pai, Zílio *Jāgtyg*, que começou a luta por Canela. Podemos constatar que a presença Kaingang sempre esteve ativa, mesmo após a sua expulsão, com viagens para vender artesanato nas cidades turísticas de Gramado e Canela. Atualmente e o motivo da presença Kaingang em Canela é recuperar o território ancestral. Com a força e a liderança dos *kujã*, os Kaingang pretendem não apenas retomar a terra mas retomar costumes, tradições, rituais como o do *Kiki* - o ritual funerário mais importante para os Kaingang. Podemos afirmar que o direito à cultura e ao território, garantidos pela CF 1988, também se constrói com o direito à história. Desse modo, a memória da resistência do cacique Nicué atua como força e inspiração para seguir lutando pelo território ancestral.

## BIBLIOGRAFIA

- COPE, Sílvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. Estudos Avançados, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 149-171, Apr. 2015.
- DORNELLES, Soraia Sales. De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. UFRGS - PPGHIST: 2011
- LAROQUE, Luis Fernando da Silva. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional(1808-1889): uma história que também merece ser contada. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000.
- MARECHAL, Clementine; HERMANN, Herbert. O xamanismo Kaingang como potência decolonizadora. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 24, n.51, p.339-370, maio/ago, 2018)
- MOTA, Lúcio Tadeu. As guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang do Paraná (1769-1924) - 2ed. Maringá: EDUEM, 2008.
- ROBINSON, Mark; (et. al). Uncoupling human and climate drivers of late Holocene vegetation change in southern Brazil. Scientific Reports, 2018; 8 (1) DOI: 10.1038/s41598-018-24429-5
- ROJAS, José Luis de. "La etnohistoria de América. Los indígenas, protagonistas de su historia". SB: Buenos Aires, 2008.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Zahar, 1990.
- SILVA, A. F. ; BARCELOS, Artur. H. F. . A "Terra de Ninguém": Índios e Bugres nos Campos de Cima da Serra. In: Tau Golin; Nelson Boeira. (Org.). História Geral do Rio Grande do Sul - Povos Indígenas. 1ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, v. 5, p. 63-80.